



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO

O SECULO

DE SANTA
RITA

ANJOS da GUARDA

POR MARIA BRANCO

I

— « **A** FINAL, todos temos boas fadas que nós protegem? » — perguntou, numa ansiedade, Carlitos-João, seis anos buliçosos e irrequietos.

A Mãe mergulhou na sua alma, através de seus doirados olhos aveludados.

— « Não confundas, meu filho. Os Anjos da Guarda são, realmente, um pouco os nossos defensores, e as suas asas, diáfnas e puras, adejam invisíveis a nosso lado, perfumando o ar e dando vida à nossa alma. Mas a varinha de condão, somos nós que a manejamos. Conforme as nossas acções, assim serão os prémios... Se, por vezes, seus ágeis e vigorosos membros auxiliam as nossas hesitações, amparam as nossas quedas, é sempre uma ajuda e nunca acção directa. Deus pretende sondar a fundo, a nossa alma, e, para isso, é necessário trabalhar sozinho, individualmente, se bem que os Anjos, um tanto como as poéticas fadas dos nossos contos, segredem à consciência lugares de extraordinários amores, de tesouros maravilhosos, de lindíssimos feitos a realizar. »

Dois braços pequeninos enlaçaram o pescoço materno, e a Mãe embalou, por instantes, aquele coraçãozinho que voava alto!...

II

Qual dos meninos não adora debruçar-se sobre os tranquilos lagos, onde a água é vidrada e pulida como cristal? Os peixinhos vermelhos barbulham lá no fundo e seus grandes olhos salientes, possuem fosforescências estranhas, irrealis...

Depois, a água é tão leve, tão límpida, que apetece tocar, mexer, brincar.

Mas, também, qual é o filho que não ouve, constantemente, sua Maizinha bradar:

— « Tem cautela!... Toma cuidado!... Juízo!... »

Ora o nosso Carlitos-João tinha na sua linda quinta um belo lago, que jardins floridos rodeavam.

Os Pais, só quando presentes, consentiam que Carlitos-João se abeirasse do lago



Triciclo, *trotlinette*, mil e uma brincadeiras, bastavam para cansar a sua actividade infantil.

Carlitos-João era obediente. Por isso, gozava de boa dose de liberdade.

Certa manhã, porém, mal humorado, acotovelou uma criada.

Sua Mãe apertara-lhe as mãos demasiadamente...

Como é que a Mãezinha, que tinha mãos tão pequenas, quasi do tamanho das suas, magoara tanto?!...

Com a garganta cheia de soluços, saíra para o jardim. Sentou-se junto do lago.

Como canto de ave muito nova, uma voz fresca ciciou-lhe meigamente:

— «Atasta-te do lago.»

Mal disposto, não ouviu o conselho da sua consciência.

Começou atirando pedras aos peixinhos.

Supondo que o seu amiguinho lhes levava guloseimas, as douradas sobrenadaram...

Pedrada certaíra, feriu uma que, estremecendo e vertendo sangue, morreu.

Carlitos-João sentiu uma dor exquisita morder-lhe o peito. Súbitamente arrependido, quer remediar o mal, curar a ferida, ressuscitar a pobrezinha.

Inconscientemente, tenta agarrá-la; desequilibra-se e cai, de súbito, no lago.

III

O Miguel jardineiro talhava o buxo. No seu trabalho, vigiava o menino...

Imediatamente socorrido, nada sofreu além do enorme susto, que lhe cava grandes olheiras à roda de seus belos olhos da cor do mel.

Aninhado no doce regaço materno, pede-lhe, baixinho:

— «Mãezinha, dê um frasco de perfume ao Miguel e mande-lhe tecer umas lindas asas transparentes.» Inquieta, a Mãe apalpa-lhe a testa e as mãos.

— «Não se recorda de me afirmar que os Anjos da Guarda, perfumam o ar e, por vezes, os seus robustos e ágeis membros auxiliam e amparam as nossas quedas?»



SE JAMOS OBEDIENTES

POR JOSÉ DE CAMPOS RODRIGUES

LILI é um mau menino,
Grande teimoso,
Porcalhão, muito rabino,
Porém, formoso.

Grita, bate, faz zangar
Os bons criados

Que, depois, se vão queixar,
Arreliados.

É punido p'lo papá
Que o aconselha.

Depois, esquecido já,
Tem nova telha.

É mandado para a cama,
Mas já deitado,
O Lili tem medo e chama
Pelo criado.

Este acorre, Acompanhado,
Já sem ter medo,
Lili repousa deitado
E dorme quêdo.

Envolto, então, na alva frõna,
Tõda requinte.

Lili faz «ó-ó» e sonha,
Sonha o seguinte:

Que é o mesmo mau menino,
Assás ruim,
Que corre, grande rabino,
Pelo jardim.

Sonha-se junto da nora...
Escurecia...

Lá, no alto, a lua, agora,
Aparecia...

Lili chora; quer a lua.
É impossível.
Por não poder tê-la, amua.
Mas... É incrível,



A B A T A L H A

Por ARMANDO VILELA MORAIS

LISA, menina tão bonita quanto irrequieta e má fora passar as férias à praia da Caparica.

Como ela gostava daquela praia! Tõda se enlevava ao contemplar as vagas espumosas e altaneiras, rolando, umas sôbre as outras, até se estenderem em mantos cristalinos sôbre a areia.

Nos primeiros dias tudo para ela era novo e lindo. Saltava, corria, brincava; emfim, passados uns oito dias, já estava aborrecida. Então, punha-se a pensar: Sempre a mesma coisa. Que aborrecimento! Porque não hei-de eu inventar novos folguedos?... Divertir-me a valer... Mas, oh Céus, os seus entretenimentos predilectos eram, precisamente, aqueles que, até num rapaz, eram inadmissíveis! Os pais bem lhe proibiam essas folias desenfreadas, mas ela, fôsse como

fôsse, havia sempre de levar a efeito o que entendia. Quantos estragos ela



fazia em casa... Jarrões da China, espelhos, porcelanas, tudo partido.

Mas para ela havia lá coisa melhor que jogar às batalhas, à bola, fazer acrobacias em cima das mesas, das cadeiras, emfim... insuportável criança!

Na praia não parecia a mesma. Os pais não cabiam em si de contentes. Porém, tudo era a princípio. Depois, vinha o bom e o bonito!...

Numa linda manhã, Lisa, após ter tomado banho, combinou com suas primas Fernanda e Josefina, brincarem às escondidas.

Mas quanto mais gente melhor — dizia ela — por isso vamos chamar o António, o Luiz, a Carlota, a Marina, o João... — e ia enumerando todos os pequenos, que, naquela praia, se encontravam a veranejar.

Brincaram, brincaram, até que Lisa entrou com o seu plano em acção: — «Vamos, agora, brincar às bata-

(Continúa na página 6)

Lili começara a rir...
E porque fôra?!
A lua viera cair
Dentro da nora.

Contente, chama o criado,
Que logo acode
Pressuroso, delicado,
Quanto pode.

— «Manuel! — (grita o Lili) —
Vai já buscar
A lua, que vejo ali,
P'ra eu brincar!»

O menino, além, no ar,
Há pouco a viu,
Muito bonita, a brilhar,
Mas já caíu.»



— «É impossível. A lua,
Além, no ar,
Muito bela, continua
Sempre a brilhar.»

— «Está ali, mentiroso,
Vai já buscá-la!
— (Dizia o Lili, teimoso) —
Vai agarrá-la!»

— «Como? A lua está além,
Alta, no céu,
E lá não chega ninguém.»
— «Não vais? Vou eu!»

E, num gesto decidido,
Qual herói moço,
Sem poder ser impedido,
Tomba no poço.

O criado chama e grita
Pelo patrão.
Gente corre e chega aflita,
Oh, que aflição!...

Tiram-no logo de lá.
Tudo o anima.
E, agora, a lua vê já,
De novo, em cima.

Grande suspiro soltou!
E, desde então,
A lição lhe aproveitou,
Não é mausão,

Não briga com os criados,
Não é rabino,



Já tem gestos delicados,
É bom menino!

— «Lili, que cabeça a tua,
Cheia de aragem!...
Na nora não 'stava a lua,
Mas sua imagem!...

(Diz-lhe, sorrindo, a ti' Cruz)
Ai, meu tesoiro,
Nem tudo aquilo que luz,
Ah, não, é oirol!»

E, ouvindo-a, assim, discorrer,
Fica ciente
Que se deve sempre ser
Obediente.

UM CONFLITO no JARDIM da ESTRELA

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ

HA dias resolvi ir instalar-me num banco, no Jardim da Estrela, com um bom livro nas mãos, para descansar alguns momentos dos meus trabalhos e preocupações.

Escolhi o banco, sentei-me e principiei a lêr.

Mas... por mais esforços que fizesse, não conseguia fixar a atenção no que estava lendo.

Nem uma página pude apreender. E porquê?

Porque a criançada, raparigas e rapazes pequenos — todos mais pequenos que tu, leitorzinho amigo — fazia tal chilreada, que até os passarinhos esvoaçavam assustados, dumas para outras árvores, sem se atreverem a demorar-se em qualquer.

Então, desisti da leitura e dei atenção ao que em volta de mim se passava.

E vi — com que satisfação — que os pequeninos pobres, vestidinhos de riscado ou de chita, se irmanavam nas brincadeiras com os petizes bem trajados. Todos corriam, saltavam, jogavam as escondidas ou o jará, procurando os seus companheiros ao acaso, sem preocupações de trajos ou de categorias.

Isto é: nem os meninos ricos tratavam com soberba os outros mais modestos, nem estes se sentiam acanhados diante daqueles.

Que bela lição para muita gente grande, não lhes parece?

Pensava eu nisto, quando, mesmo junto a mim, parou um grupo de rapazes, estudantes do liceu, que discutiam acaloradamente.

Um deles, de capa e batina, gaforina

loira ao vento, gritava e gesticulava como um dóido, enquanto os outros se esforçavam por acalmá-lo:

— «Pronto!... Acabou a questão!... Não vale a pena exaltares-te mais!...»

Mas o rapaz parecia malquinho:

— «Não!... Isto não fica assim!... Hão-de pagar-mas!... Hão-de amargar este castigo!... Palermas!... Talvez julgassem que eu me calava!... Mas não me conhecem!...»

E sempre a gesticular, sempre a gritar.



já um pouco enrouquecido, o estudante fazia dó!...

Até que um dos companheiros, rapaz alto e forte, com voz firme e calma, mas autoritária, aconselhou:

— «Senta-te e sossega. Com essa exaltação toda, nada lucras. E tornas-te ridículo, palavra!...»

Então, o outro irritou-se mais. E, desesperado, avança para o companheiro, de braço estendido, no intuito de lhe dar um sóco. Mas a mão não chegou a tocar no alvo, desviada e segura por outra mão mais forte.

Obrigado por ela a sentar-se em seguida, o da gafonina loira, explodiu novamente em palavras:

— «Estúpido!... E por cima magdas-me... Por tua culpa é que sucedeu isto e agora ainda te atreves a faltar-me ao respeito!... Mas deixa que também não perdes com a demora!... Tinha que ver se o filho dum sapateiro mandava no filho dum médico!...»

O rapaz forte corou intensamente e, com os dentes cerrados e os olhos brilhantes, avançou para o camarada:

— «O meu pai é sapateiro, sim. Mas

nunca matou ninguém. E tu poderás ser o mesmo do teu? Quantas pessoas já ele morto por descuido?!...»

Nesta altura, resolvi intervir. Levante-me e, sem hesitar, dirigi-me para o vizinho, a fim de evitar as tristes sequências que poderiam advir da discussão.

— «Boa tarde!...» — exclamei, com mais amável que pude arranjar.

Surpreendidos, os rapazes olharam-me com estranheza. Alguns tiraram as mãos e o rapaz loiro levantou-se logo.

E eu continuei, sempre sorrindo.

— «Perdõem-me intrometer-me não sou chamada. Mas como os vossos exaltados, pensei que uma pessoa velha, mais velha e com um pontinho mais de senso, poderia ser juiz na questão. Não lhes parece? Mas não se quem comigo, pelo amor de Deus!...»

— «Oh, não, minha senhora — reedeu gentilmente um dos rapazes — É favor ver se consegue acalmar os ânimos...»

— «Nesse caso, vamos a isso saber do que se trata, ou é segredo?»

— «Foi o seguinte, minha senhora — respondeu o rapaz simpático, enquanto os outros formavam roda em volta — Houve, ontem, um desafio de futebol entre dois grupos do nosso liceu. O árbitro é este colega, João Sequeira.»

Apontou o rapaz alto e forte; seguiu:

— «Durante o desafio, o Manuel de-zezes — (e mostrou-me o do cabelo) — que era ponta esquerda num dos grupos, cometeu qualquer falta e o árbitro

(Continua na página 4)





A formiga e o vento

POR

LAURA CHAVES

COM seus azeites, o Vento,
—correra-lhe mal o dia!—
pôs-se a soprar, rabugento,
numa grande ventania.

Ao passar pelo moinho,
de tal forma êle soprou,
em tão grande torvelinho
que as velas logo arrancou.

A seguir foi para o monte
cheio de raiva daninha,
fêz zangar a água na fonte
que ficou enrugadinha.

Sempre na mesma fadiga,
a cantar, numa lamúria,
viu, no alto, uma formiga
que, calma, alheia a tal fúria,



E disse ao Vento, serena:
—Não me podes fazer mal!
Por eu ser assim pequena
é que escapo ao vendaval.

Para que faz tudo em cacos
se eu não largo a minha prêsela?
Olhe que a força dos fracos
resiste em sua fraqueza.—

.....
Os grandes foram a terra,
os fortes foram ao chão;
e a formiguinha da serra
lá seguiu mais o seu grão.



Depois, ao chegar á eira,
o que fez seu corropio?
A palha ir para a ribeira
e o grão ir parar ao rio.

De passagem no pomar,
a fruta que estava ao sol
veio, logo, ao chão parar,
tanto a dura como a mole.

Inda de má catadura,
a rabujar, num arranque,
tirou o chapéu ao cura
e fê-lo cair no tanque.

A um rancho de frangainhos
que debicava num tacho,
pôs-lhes á vela os rabinhos
deitando-os dali a baixo.

um belo grão transportava
à beirinha dum carreiro,
e, com firmeza, avançava
no trilho do formigueiro.

—Pois há alguém—disse o Vento—
que resista ao meu capricho?
É forte o descaramento!
dêsse cinco reis de bicho!—

Pôs-se a bufar, a bufar,
tais rajadas levantou
que as pedras foram ao ar,
muito pinheiro arrancou!

O vento era irresistível,
enorme e redemoínho,
só a formiga, impassível,
lá seguia o seu caminho.

AS RESPOSTAS DO CARLITOS

Por MANUEL FERREIRA

O meu amiguinho Carlitos, menino
de sete anos, deixa tóda a gente a
rir-se da sua ingenuidade.

Uma tarde, o nosso herói pergun-
tou à mãe:

—«Mãe, posso fazer de conta que
tenho um menino a tomar chá, comi-
go?»

—«Sim, podes...»

—«Então, nesse caso, a mãe, dá-
-me mais uma fatia de bôlo que é para
o outro menino?»

Uma tarde, inesperadamente, che-
garam uns parentes a casa dos papás

de Carlitos. A mamã do pequeno, a certa altura, lembrou:

— «Os primos devem estar com apetite...»

— «Não se incomode, prima... Não se incomode...»

— «Deixem lá. Qualquer coisa se há-de arranjar. Se tivesse cá um bocado de fiambre, fazia-se aí com uns ovos...»

Carlitos, então, tem esta «saída»:

— «Pois sim. Era bem bom, se cá tivéssemos ovos...»

Uma vez perguntaram-lhe:

— «Quantos irmãos mais velhos tens tu?»

— «Quatro.»

— «É mais novos?»

— «Cinco.»

— «São, então, ao todo, dez irmãos?»

— «Não, senhor. Somos onze.»

— «Como pode ser isso?»

— «Não há nada mais fácil — respondeu o pequeno. — É porque tenho um irmão gêmeo.»

À noite, a mãe de Carlitos, antes deste ir para a caminha, disse-lhe:

— «Hoje, como foste rábino, tens de rezar três Padres Nossos para o Pai do Céu não se zangar contigo.»

O pequenito começou a choramingar.

— «Porque choras?» — perguntou a mãe.

— «A mamã mandou-me rezar três

UM CONFLITO no JARDIM da ESTRÊLA

(Continuado da página 4)

cou-a. Mas éle faltou-lhe ao respeito, insultando-o e ameaçando-o. Porém, a Direcção da nossa Associação Escolar resolvera castigá-lo com suspensão, durante algum tempo. E pronto. E' este o motivo das zangas...»

— «Ora muito bem, ou, antes, muito mal» — disse eu, instalando-me no banco. — Em primeiro lugar vou apresentar-me. E depois vamos conversar um pouco. Sou Leonor de Campos, uma velha amiga de toda a criança-da, pequena ou grande. Vocês fazem parte do grupo das crianças grandes, não lhes parece?...»

— «Perdão, minha senhora — interrompeu um dos rapazitos, doze anos vivos, gaiatos, olhos risonhos. — Eu

Padre-Nossos quando eu, afinal, sei só um...»

Certo dia, na escola, o professor, ao ver que o exercício do Carlitos estava muito bem feito, o que não era costume, perguntou:

— «Olha lá, alguém te ajudou a fazer este trabalho...»

— «Não, senhor professor...»

— «Não acredito... Foi o teu pai?»

— «Não, senhor. O meu pai não me ajudou. Fez o exercício todo.»

cá já não sou criança. Mas não me zango quando mo chamam...»

— «Ainda bem, meu amiguinho. E tenho a certeza de que os seus colegas também se não zangarão comigo... Não é assim?»

— «E' claro» — respondeu o grupo, em côro.

— Por isso mesmo, me atrevo a falar-vos com certa severidade e a dizer-vos, sinceramente, o que penso acerca da vossa questão...»

E, dirigindo-me a Manuel de Menezes, pedi:

— «Faz-me o favor de se sentar aqui, junto de mim?»

— «Pois não, minha senhora» — acedeu o rapaz.

— «Agora, conversemos. Esqueça por momentos que é o Manuel de Menezes, filho dum médico. E diga-me: Durante um desafio de tuteboi quem é o juiz no campo?»

Manuel curvou um pouco a cabeça e respondeu, por entre dentes, a títubear:

— «E' o árbitro!...»

— «Muito bem. Ora se você sabe disso e se, de mais a mais, reconheceu ao seu colega autoridade para arbitrar, visto que jogou durante algum tempo, debaixo das suas ordens, como pôde você derrespeitá-lo e insultá-lo?»

— «E' que éle não teve razão para me marcar falta!...»

(Continua no próximo número)

A BATALHA

Continuado

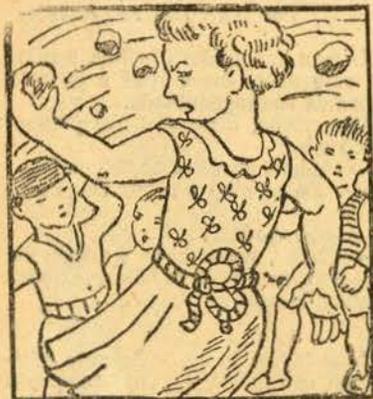
da página 3

lhas, sim?!...» Uns concordaram, mas outros não.

Então, Lisa falou assim: «Ou brincam todos ou corro com vocês ao sóco e à pedrada e havemos de batalhar da mesma maneira!»

Então, eles acederam. Antes queriam que fosse a brincar...

— «Bem, eu sou o general d'êste batalhão» — e ia dividindo os pequenos em grupos.



«Tu, João, és o general daquele. As enfermeiras são a Raquel, a Márcia e a Eliana.»

Fizeram trincheiras, cavando a areia, e ei-los prontos a principiar a guerra.

— «Antes de começarmos, quero avisar-vos de que é proibido atirar com pedras. Ouviram?» — intimava a Lisa.

— «Pois claro. Isso até era escusado dizer. Não queremos ficar aleijados.» — responderam os outros.

— «Pois bem. Os projecteis serão só bolas de areia» — e deram início à batalha. Choviam bolas de todos os ludos e até bocados de cortiça. Uma balbúrdia. A meio da refrega, duas pedras voaram, com ímpeto, da trincheira de Lisa para a do inimigo. Um pequenito, com uma das mãos a escorrer sangue, começou a chorar, aflitivamente.

— «Eh, seus covardes, suspendam tudo. Então atiram-se pedras?» — bradou a Lisa. — «Velhacos, se continuam na mesma, acaba-se tudo.»

— «E é já» — clamaram os outros, mal impressionados com o ferimento do pequenito.



— «Olha os «maricas»! Já estão com medo! Eh covardes, ou continuamos, ou me dão por vencedora!»

Ainda não tinha acabado, uma chuva de projecteis cafu sobre ela. Imediatamente se refugiou na sua trincheira.

— «Deixa estar que mas não-de pagar!» — gritava. Pegou numas poucas de pedras e atirou-as com toda a força do seu pulso. O João, que vira a Lisa atirar as pedras, irrompeu num acesso de cólera e indignação.

— «Basta, está tudo acabado, sua

REFERENCIA AUXILIAR

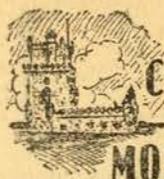
Ignora-se, positivamente, a data da construção desta catedral. Não há memória do local que tenha ocupado anteriormente. Supõe-se que, em 1057, data em que Fernando o Magno, rei de Leão e Castela, expulsou para sempre os mouros da cidade, a antiga catedral não existia ou estava profanada, servindo de mesquita aos mouros.

Este rei, então, teria mandado purificá-la e feito retornar ao culto católico.

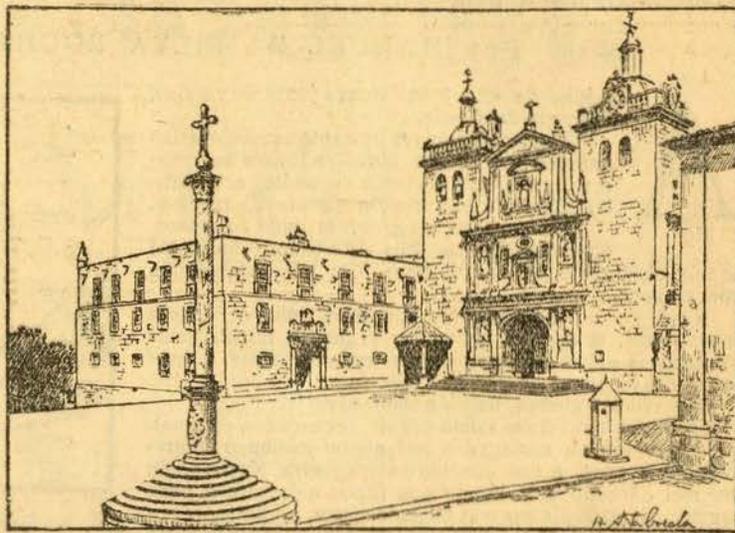
Supõe-se, também, ter sido primitivamente um templo simples e pobre mas que D. Henrique e D. Tereza o restauraram.

Sofreu este monumento sete grandes reconstruções: a primeira no tempo de D. Henrique (1100 a 1112); a segunda quando se fez a primeira abóbada (1282 a 1362); a terceira quando se fez a segunda abóbada (a dos nós) concluída em 1513; a quarta quando se fez o claustro moderno, em 1554; a quinta quando se fez o santuário actual e o corredor até à capela de S. João (1513 a 1578); a sexta entre 1640 e 1671 e a sétima entre 1720 e 1740.

No dia 19 de Fevereiro de 1635, desabou a torre dos sinos, levando a frontaria e quebrando os sinos todos,



CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL



à excepção de um. Foi feita de novo pelo cabido.

E' nesta catedral que se encontra um órgão feito, em substituição do

antigo, por Luís António Santos (1814 a 1819), simples carpinteiro que chegou a ser um dos melhores organistas do seu tempo.

A N E D O T A

Quando chegou aos seis anos, o Carlitos foi para o colégio. No primeiro dia, ao regressar a casa, procurou o pai. Vinha muito triste.

—«Então, não gostas do colégio.»

—«Não, não quero ir mais...»

—«Porquê?»

—«Porque, lá no colégio, só me querem ensinar coisas que eu não sei.»

malvada, sua velhaca! Então, você intima os outros a não arremessar pedras e, afinal, é a própria a deitá-las, sua «gandaia!»

Lisa, acto contínuo, arremessou uma pedra sobre o João. Um longo fio de sangue brotou-lhe da cabeça e caiu sem sentidos.

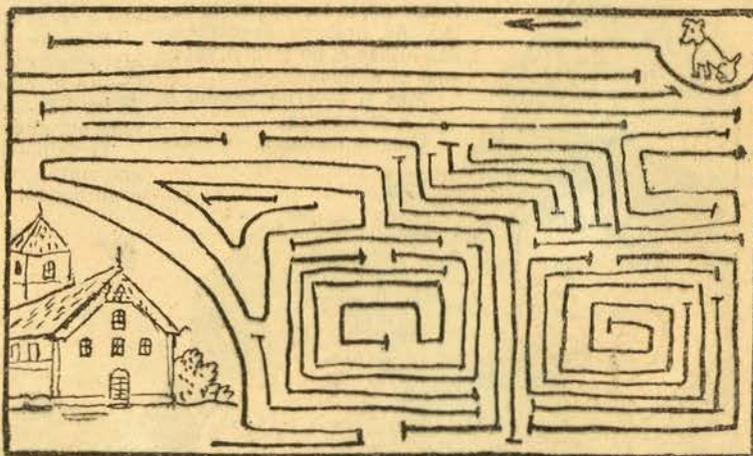
Lisa ia para fugir, mas os outros lançaram-se sobre ela, dando-lhe tão grande tarefa que quasi succumbiu. Levaram, depois, João para a praia onde estavam os toldos, a-fim-de o socorrerem, deixando Lisa abandonada e sem sentidos.

Quando os pequenos contaram o que se passou, os pais de Lisa quasi desmaiaram de vergonha e de dor.

Imediatamente, regressaram a Lisboa, onde Lisa guardou o leito durante dois meses, tal a merecida sova que lhe deram.

Escusado será dizer que este ano já está há dois meses na Nazaré, e todos a tratam com carinho e amor.

LABIRINTO



O cãozinho de estimação que estão vendo ao cimo desta gravura, fugiu da casa do dono mas quer voltar para lá. Como não sabe bem o caminho a seguir, entre tantas ruas, está a ganhar, como quem pede que o conduzam. Ensinem-lhe, pois, o caminho mais rápido

CHARADAS COMBINADAS

- + busto = vigoroso
- + lido = muito frio
- + jo = duro
- + rar = rezar

- + no = Data
- + mo = Volume
- + lo = Rio africano
- + co = Vazio

Conceito: Nome de homem

Conceito: Nome próprio

O TIO JOÃO

POR MANUEL DA SILVA ROCHA FELGUEIRAS

A casinha do «tio João» ficava junto do ribeiro, defronte do Açude.

O bom velho amava bastante aquelas quatro paredes que outrora abrigára toda a sua ventura, e, agora, sômente escondia, aos olhos do mundo, a sua miséria e profunda tristeza.

Quando seus braços eram ainda vigorosos, êle, ajudado por seus dois filhos, construíra aquela casa onde por tantos anos fôra feliz juntamente com os seus.

Nesse tempo alegrava vêr aquela casinha de pedras sobrepostas, caiada, de imaculada brancura, florida pelas trepadeiras que seu dono plantara junto da janela, e onde se respirava um ar de perfeita felicidade.

Mas viera a guerra, negra e implacável!...

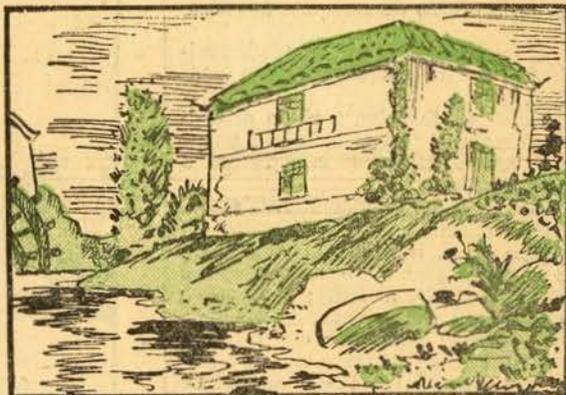
Os filhos morreram como heróis, rechaçados em qualquer combate ou esmagados por algum estilhaço de granada. A esposa, a sua querida companheira, finara-se de um mal causado pela morte dos filhos e deixara-o, para sempre, naquele dia em que lhe colocaram, no peito, sôbre a negra blusa de luto, duas medalhas de ouro, prêmio do seu sacrifício.

Desde então, o bom velho, que sempre todos viam sorrir, tornou-se triste e passava os dias sentado no jardim, fitando, pensativo, um ponto do céu azul, como se esperasse vêr aqueles que, na Terra, êle tinha verdadeiramente amado. De noite o infeliz conservava a luz acesa até muito tarde e, muitas vezes, só a apagava quando o sol, rompendo do oriente, vinha iluminar a sua triste morada.

Com a aproximação do inverno, a natureza parecia tomar parte na mágoa do velho. As árvores despiam-se das fôlhas e, no jardim, secavam as últimas flores.

Mas o inverno passou e veio a primavera.

Com a mudança da esta-



ção, mudara, também, a casinha do «tio João». Ela voltara a sêr branquinha, a trepadeira tornara a florir junto da janela e o jardim estava, agora, viçoso e cuidado.

Na aldeia, todos se admiravam daquele milagre. Estranhavam que o velho, que, desde a morte dos seus, parecia tão magoado, se conformasse rapidamente com a sua dôr.

— «Então, senhor João, com a graça de Deus, conformou-se com a sorte de seus filhos?» perguntou-lhe, certo dia, o reitor.

— «Que remédio tive, senhor abade...»

Debaixo dêste céu azul que nos cobre, há criaturas bem mais desgraçadas do que eu, e, portanto, sou feliz em relação a essas mesmas criaturas.

E quer saber, senhor reitor? Cumpri o meu dever, oferecendo à Pátria aquilo que mais caro tinha no mundo. Com a ajuda de Deus, Portugal venceu e hoje orgulho-me de ter tido dois filhos que contribuíram, com o seu sangue, para a independência e bom nome da nossa Terra.

O velho dizia isto com um triste sorriso nos lábios, enquanto grossas lágrimas lhe rolavam pelo rosto branco e enrugado.

